



A promessa de imortalidade do transhumanismo: tensões a partir do episódio “Volto já” de Black Mirror

La promesa de inmortalidad del transhumanismo: tensiones del episodio “Volveré pronto” de Black Mirror

Fabio Zoboli

Pós doutor em Educação do Corpo pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP- Argentina). Universidade Federal de Sergipe (UFS). Brasil.

zobolito@gmail.com

Introdução

A série britânica Black Mirror, lançada em 2011 no Reino Unido, sob a direção de Charlie Brooker, está em sua sexta com o total de vinte e sete episódios - 3 episódios na primeira temporada (2011); 3 episódios na segunda temporada (2013); 1 especial de Natal (2014); 6 episódios na terceira temporada (2016); 6 episódios na quarta temporada (2017); 3 episódios na quinta temporada (2019) e 5 episódios na sexta temporada (2023). A série é uma antologia de ficção científica que através de uma narrativa despótica interpela a relação do ser humano com a tecnologia de modo pessimista e trágico.

Os episódios de Black Mirror são independentes entre si, ou seja, em cada um deles uma nova história é contada com personagens distintos dos anteriores, logo, podem ser assistidos aleatoriamente. Porém, os episódios da série apresentam um ponto em comum, uma semelhança que os une: a relação trágica do humano frente à manipulação e aos usos da tecnologia. Assim, “de modo impactante a série apresenta os efeitos colaterais nefastos da relação humana com os avanços tecnológicos. Em suma, a tecnologia é tida como potencializadora do poder humano em destruir as coisas e o outro” (Zoboli; Galak, 2018, p.4). Essa visão trágica de conceber a relação “humano x tecnologia” fica evidente no seu slogan: uma tela escura e quebrada.

O nome da série, explica seu criador, é uma referência às telas dos smartphones, das TVs, dos tablets, dos laptops e dos monitores em geral. Quando desligadas, elas se tornam um “espelho negro”, onde vemos nossa imagem projetada. O programa materializa esse espelho negro da nossa alma. Como a tecnologia

potencializa nossa maldade ou nossos delírios de imortalidade (UOL, 2017).

Para o presente escrito elegemos o primeiro episódio da segunda temporada, intitulado “Volto já”, lançado no Brasil em 2013, e originalmente denominado “Be Right Back”. Este narra a morte de Ash (Domhnall Gleeson), o rapaz que vivia com sua parceira Martha (Hayley Atwell) num casebre interiorano que pertencia a seus pais. Um jovem casal apaixonado que é sorrateiramente separado pela morte, no mesmo período em que Martha descobre a gravidez do primeiro filho de ambos. A partir daí a trama gira em torno da “ressurreição” de Ash mediada por sua companheira e subsidiada pela tecnociência. “Hoy, la muerte no es vista como un desafío mágico sino como un ‘problema técnico’ que puede ser resuelto por la biotecnología y la nanotecnología, o por la ‘descarga de la personalidad’ en nuevos cerebros de la inteligencia artificial” (Ierardo, 2018, p. 53).

Durante o velório, uma amiga de Martha lhe fala sobre um sistema de inteligência artificial que, a partir do histórico dos registros do falecido em suas mídias sociais, acaba por simulá-lo e assim, eterniza sua mente. O objetivo desse dispositivo é trazer de volta a vida a pessoa amada que passa a existir como uma espécie de aplicativo de chat. Ao se deparar com a dificuldade de Martha em superar a perda do amante, o sistema operacional de simulação sugere a Martha que adquira um nível mais avançado do programa. Trata-se de uma estrutura robótica que simula perfeitamente o corpo e as características físicas do falecido Ash.

Martha passa a conviver com o “avatar” de Ash, no entanto, com o tempo ela vai

percebendo que a maquinaria criada pela tecnociência não dá conta de replicar detalhes, expressões, humores e sentimentos que o humano Ash tinha. Com um salto na diegese fílmica, o episódio avança após nove anos e então a filha do casal – agora uma já crescida criança – passa a visitar o pai no sótão da casa, lugar que Martha reservou para guardar o seu imortal amado. Quando Ash estava vivo, ele disse à companheira que o sótão era o lugar da casa onde guardava fotos e demais memórias de falecidos da família, Martha fez uso da mesma estratégia. Ao menos, deste modo, a filha pode acessar a cópia do pai que nunca conheceu.

“Volto já” interpela um dos litígios mais antigos da humanidade, a tentativa de prolongar a vida e adiar a morte. O episódio encontra ecos na promessa da tecnociência de viés epistemológico transhumanista, discutida por Sibilia (2002, p.54), “no processo de hibridização com a tecnologia, o corpo humano poderia se livrar da finitude natural”. Com o avanço dos mais variados ramos da tecnologia, a morte se desprende de seu invólucro natural e de suas amarras biológicas, e passou a habitar outras possibilidades, outras formas do que até então se entendia por vida” (Soares, Zoboli e Manske, 2023).

Nos discursos da tecnociência contemporânea, o “fim da morte” parece extrapolar todo substrato metafórico para apresentar-se como um objetivo explícito: as tecnologias da imortalidade estão na mira de várias pesquisas atuais, da inteligência artificial à engenharia genética, passando pela criogenia e por toda farmacopéia antioxidante. A própria morte estaria então ameaçada de morte? Tomando emprestado a retórica de seus detratores, ela estaria ficando “obsoleta” (Sibilia, 2002, p. 50).

O transhumanismo projeta uma vida fora das estruturas orgânicas do corpo, o transhumanismo quer o fim do corpo. Deste modo, para o transhumanismo, se quisermos alcançar a imortalidade, a máquina deverá ser o suporte último do corpo e a mente precisa ser acoplada a ele, afinal, o projeto é colocar um cérebro humano em um corpo sintético. Criar “un avatar inteligente liberado das ‘primitivas’ ataduras de la biología (Ierardo, 2018,

p.54), para assim, o ultrapassado e mortal homo sapiens se transformar num holograma. O transhumanismo crê ser capaz de realizar o mind uploading, “la descarga total de la información de un cerebro humano en un dispositivo (es decir sus conocimientos, recuerdos, emociones, pensamientos). Este sería el grial ‘hiperinteligente’ de la inteligencia artificial” (Ierardo, 2018, p. 55). Una retención sin olvido con una extracción de recuerdos. Un cerebro capaz de hacer manobras digitales de una memoria artificial y editable.

Resultados

Enquanto Martha vive seu luto, ela descobre que está grávida do seu falecido companheiro. Neste momento, ela sucumbe à indicação de sua amiga e cede à tentação de acessar o Ash digital através da aquisição de um serviço de tecnologia que permite que ela se comunique com a inteligência artificial do mesmo. Já em posse do programa, ela insere nele histórias/memórias de seu marido para ressuscitar sua “mente”. “O software processa o Ash digital a partir de tudo que o rapaz havia postado em vida nas redes sociais e registrado em emails. A partir de seus rastros online e de informações que sobrevivem à vida de seu corpo, Ash ressuscita” (Ferraz; Clair, 2020, p. 151-152).

No repertório das promessas transhumanistas, por hora, percebe-se que a redução da mente a um sistema de inteligência artificial é absurdamente ingênua na medida em que focaliza apenas aquela fração das atividades mentais que podem ser quantificadas como o cálculo, as abstrações, o raciocínio lógico (Sibilia, 2015). Ou seja, em todos aqueles aspectos nos quais os computadores há muito tempo ultrapassaram os humanos. “Já no terreno das emoções, sentimentos, sensações e paixões, a tecnociência só tem demonstrado fracassos na hora de imitá-las” (Sibilia, 2002, p.104).

A tentativa transhumanista de fazer relações metafóricas aligeiradas entre corpo e máquina, acabou reduzindo o humano a mera informação sem levar em conta questões mais complexas de seus sistemas e de seus processos. “La evolución tecnológica informática replica los algoritmos químicos por

algoritmos informáticos, y para esto nada indica que se deba introducir en el juego la inexplicable conciencia y sus aires de autonomía respecto a la pura química cerebral” (Ierardo, 2018, p. 23). Afinal, “se a essência da humanidade for de fato a informática, então não há diferenças substanciais entre computadores e seres humanos, pois eles partilham da mesma lógica de funcionamento” (Sibilia, 2002, p. 89). Para Paula Sibilia (2015) certos projetos de inteligência artificial revelam seus frágeis alicerces metafísicos, que cerceiam a vida ao separá-la do corpo orgânico nessa procura trágica por uma essência etérea e eterna, a informação. Tanto a vida como o pensamento, só são possíveis no mundo orgânico, isto é, enraizados no corpo vivo.

Enquanto faz os acompanhamentos médicos de sua gravidez, Martha faz um ultrassom e durante o exame ela grava o som dos batimentos cardíacos do feto a fim de enviá-los para Ash. Porém, enquanto está realizando tal tarefa, o celular cai de sua mão e então ela perde contato com a inteligência artificial de seu companheiro. Neste momento Martha decide “dar um passo adiante” no processo de “ressurreição” de Ash. Ela adquire (da mesma empresa que comprou a suposta mente do finado) um software que sustentará um corpo biossintético, idêntico ao de seu companheiro.

O transhumanismo enquanto um movimento que une distintas tecnologias emergentes com o fim último da imortalidade, nos parece estar sustentado em alguns argumentos um tanto “tecnoreligiosos”, por assim dizer. Sua meta relativa à imortalidade, motivado pelo medo (da finitude) e pelo narcisismo (“sou tão importante, nunca deveria morrer”) é um projeto que se levanta a partir de um paradoxo: “pretender negar la muerte, pero sin preguntarse si la vida podría tener un sentido igualmente inmortal que justificase el empeñamiento en borrar la mortalidad” (Ierardo, 2018, p. 60). Cabe-nos indagar, por fim, que vida seria possível sem a morte?

Palavras-chave:

Corpo orgânico. Imortalidade. Transumanismo. Série Black Mirror.

Palabras clave:

Cuerpo orgánico. Inmortalidad. Transhumanismo. Serie Black Mirror.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. A ilusão vital. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IERARDO, Esteban. Mundo virtual: black mirror posapocalipsis y ciberadicción. Buenos Aires: Continente, 2018.

UOL online. 'Black Mirror' explora mau uso da tecnologia para expor 'falhas' humanas. UOL online, 2016. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2016/10/21/black-mirror-explora-mau-uso-datecnologia-para-expor-falhas-humanas.htm>

SIBILIA, Paula. O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2015.

ZOBOLI, Fabio; GALAK, Eduardo. Prometeu, Epimeteu e Pandora: corpo, técnica e tecnologia em "Black Mirror". Revista Internacional Interdisciplinar Art&Sensorium, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2018. Disponível em: https://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/159628/Documento_completo.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y